

DESTAQUE



Museu do Índio inaugura primeira galeria de arte indígena no Rio de Janeiro

página 2



ENTREVISTA



Povos indígenas: conhecer para valorizar O ensino de história e culturas dos povos indígenas em sala de aula

Leia a entrevista com a titular da SEEDUC-RJ na página 3



PESQUISA



A cena da comemoração do Dia do Índio na tela da tevê

página 4

EDITORIAL



O Museu do Índio vem se consolidando como um parceiro na ampliação dos direitos dos povos indígenas. Em 2009, os projetos com a Unesco e a Fundação Banco do Brasil trouxeram ganhos significativos em favor da causa indígena. Destacamos, aqui, o evento “Índio no Museu” que iniciou com os Mbyá e vai continuar, ao longo de 2010, prestigiando outras etnias.

O projeto “Povos Indígenas: conhecer para Valorizar” tem como objetivo dar suporte à formação dos professores, abrindo espaço para uma reflexão sobre a história dos povos indígenas brasileiros. A Secretária Estadual de Educação do Rio de Janeiro, Tereza Porto, em sua entrevista, detalha este tema e fala da importância da parceria com o Museu do Índio.

O espaço do museu entrou o ano pintado de amarelo que, segundo a tradição Guarani, representa vida, sol, brilho e luz. É com este sentimento que desejamos a você, leitor, um feliz 2010.

Assessoria de Comunicação Social

MUSEU A VIVO

Ano 21 | Nº 34 | Setembro de 2009 a Março de 2010

Informativo do Museu do Índio/FUNAI
Editado pela Assessoria de Comunicação
Social do Museu do Índio

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Justiça
Tarso Genro

Presidente da FUNAI
Márcio Meira

Diretor do Museu do Índio
José Carlos Levis

Assessoria de Comunicação Social
Redação / Revisão
Cristina de Jesus Botelho Brandão
(Reg. Prof. RJ 15633 JP)

Rosângela de Oliveira Abrahão
(Reg. Prof. RJ 16125 JP)

Marta Gontijo
Renata Cristina Vieira da Silva

Fotos: **Renata Cristina Vieira da Silva**

Editoração: **MURO Produções Gráficas**

7 mil exemplares

Rua das Palmeiras | 55 | Botafogo
CEP 22270-070 | Rio de Janeiro, RJ
Telefones (21) 3214-8705 | 3214-8702
comunicacao@museudoindio.gov.br
www.museudoindio.gov.br

Museu ao Vivo não se responsabiliza por conceitos em matérias assinadas ou entrevistas.



DESTAQUE



Ombopara inaugura Galeria de Arte Indígena no Museu do Índio: mostra de venda apresenta arte dos Mbyá Guarani do Rio de Janeiro

O grupo indígena Mbyá Guarani do Rio de Janeiro é a etnia escolhida para iniciar o programa “Índio no Museu” lançado em 16 dezembro de 2009, no Museu do Índio, em Botafogo. O evento, que fica em cartaz até maio de 2010, integra os espaços expositivos da instituição – Museu das Aldeias, Muro do Museu e a Galeria de Arte Indígena – com uma mesma temática. A proposta, baseada na parceria direta com os índios, é a documentação da sua cultura com foco na cultura material e no processo de produção de bens.

Olhar e movimento Guarani

A exposição fotográfica “Ojapo Porã’i”, no espaço Muro do Museu, reúne 20 fotos produzidas pelos próprios índios em oficinas organizadas pelo Museu do Índio. Nas imagens, os Guarani mostram o que registraram como um “fazer bonito” (*ojapo porã*)



em suas aldeias do Rio de Janeiro.

A mostra etnográfica “Tape Porã, impressões e movimento – os Mbyá no Rio de Janeiro” apresenta cerca de 60 peças, fotos e vídeos, no Espaço Museu das Aldeias. Os objetos exibidos carregam marcas da história desse povo. A curadoria é assinada pela antropóloga Elizabeth Pissolato e a pesquisa é de Rafael Fernandes Mendes Júnior.

A criação da Galeria de Arte Indígena é uma iniciativa do Museu do Índio para agregar um conteúdo social e étnico às peças comercializadas pelos diferentes grupos indígenas brasileiros.

Na abertura da Galeria, o destaque é para o grupo Mbyá-Guarani, com a mostra de venda “Ombopara” (grafismo Guarani). Os objetos vendidos por eles no Rio de Janeiro são feitos de fibra de bambu, contextualizando a sua arte no nicho de mercado ecológico. A renda obtida reverterá para as associações Mbyá. O Projeto Guarani conta com o apoio da Fundação Banco do Brasil e da UNESCO.

Os Guarani vivem, hoje, nas Regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste do Brasil, e estão classificados em três grupos: Kaiová, Nhandevá e Mbyá. Com uma população estimada em torno de 34 mil pessoas, mantêm uma unidade linguística e cultural, constituindo-se, assim, numa das maiores etnias indígenas do País. O idioma Guarani pertence à família Tupi-Guarani, do tronco lingüístico Tupi. Há Guarani também em terras situadas em partes da região de Misiones na Argentina, do leste do Paraguai e norte do Uruguai.



Parceria Museu do Índio e Secretaria Estadual de Educação do RJ

Entrevista com a Secretária Teresa Porto

“Povos Indígenas: Conhecer para Valorizar” é o título do projeto que o Serviço de Estudos e Pesquisas do MI elaborou para apoiar o cumprimento da Lei 11.645/2008, que instituiu a obrigatoriedade do ensino de história e culturas dos povos indígenas no Brasil.

O objetivo é dar suporte à formação continuada dos professores, abrir um espaço de reflexão sobre a história dos povos indígenas brasileiros e oferecer recursos pedagógicos de apoio ao ensino do tema em sala de aula.

Entre as ações previstas pelo Projeto, estão o curso Conhecendo os Povos Indígenas – concebido exclusivamente para os professores da rede estadual, Um Dia no Museu do Índio – oficinas temáticas para professores acompanhados de suas turmas, e Museu do Índio na Escola – exposições itinerantes e kits de material expositivo de empréstimo para as escolas, além da participação de professores no tradicional Curso de férias Dimensões das Culturas Indígenas, que o MI oferece todos os anos no mês de julho.

A parceria com a Secretaria Estadual de Educação do RJ já está em andamento. As primeiras ações – curso de férias e oficinas temáticas realizadas em novembro – já dão conta de um universo de 180 professores e 7.200 alunos envolvidos no Projeto. Abaixo, a entrevista que a Secretária Teresa Porto concedeu ao MV.

MV – Pesquisadores, educadores e ativistas acreditam que a obrigatoriedade da temática História e Cultura Indígena e Afro-

brasileira no currículo oficial da rede de ensino vai contribuir para uma mudança cultural no Brasil. Como a Sra. avalia o impacto da Lei 11.645 na formação dos jovens?

TP – A Lei 11.645/08 representa simultaneamente um grande avanço e um grande desafio tanto para os docentes quanto para os gestores de educação, pois aponta para a desconstrução de um imaginário coletivo povoado por estereótipos acerca das populações afrodescendentes e dos povos indígenas que também se reproduzem no espaço escolar. O processo de supera-

ção desse fato torna necessário mobilizar profissionais qualificados, prover materiais pedagógicos adequados e meios tecnológicos que assegurem a ampla socialização de um conhecimento acerca das culturas indígenas e afrobrasileiras. Acreditamos que o trabalho para o reconhecimento do papel desses protagonistas no processo civilizatório de nossa sociedade representa um impacto altamente positivo para a formação e recriação de valores dos nossos jovens estudantes.

MV – A formação continuada dos professores é um dos desafios que rondam a implementação da Lei. Qual é a expectativa da Sra. em relação à parceria da SEEDUC com o MI, por meio do projeto “Povos Indígenas: Conhecer para Valorizar”?

TP – Ofertar uma formação continuada de qualidade para a implementação dessa Lei também constitui um desafio para nós. Para isso, estamos trabalhando para formatar um desenho de formação continuada que, a partir de 2010, venha atender a todos os profissionais da educação de nossa rede, respeitando as suas expectativas e anseios e contribuindo para a melhoria dos resultados do ensino. Nesse



sentido, a parceria com o Museu do Índio vem, sem dúvida alguma, colaborar com o alcance de nossos objetivos e metas educacionais. A experiência compartilhada com cursos presenciais para docentes, visitas guiadas para nossos alunos e elabo-

ração de materiais de apoio pedagógico completa o nosso trabalho.

MV – Outro desafio é relacionado à maneira como o tema será inserido na grade curricular. A Lei 11.645 não cria uma nova disciplina, sendo assim, especialistas afirmam que não há espaço para o debate mais

profundo dos temas em sala de aula. Como a SEEDUC está se preparando para resolver esta questão e como a Sra. acha que o projeto “Povos Indígenas: Conhecer para Valorizar” pode contribuir para enriquecer o aprendizado dos alunos a respeito das culturas indígenas?

TP – Consideramos que as iniciativas que estamos promovendo convergem para a institucionalização da temática indígena nas salas de aula da rede estadual, pois visam continuidade e ampla abrangência na provisão de informação e formação atualizada para a difusão do conhecimento sobre os povos indígenas. Avaliamos que não basta tão somente assegurar a presença da história e cultura indígena nos currículos escolares, mas também se faz necessário propiciar os meios para a qualificação do seu ensino. É em função disso que nos voltamos para parcerias como as que estamos realizando com o Museu do Índio, uma das mais importantes instituições indigenistas da América Latina, as quais nos possibilitam um exercício reflexivo mais profundo, tanto para o trabalho de elaboração de um referencial curricular dessa Lei, quanto para viabilização da sua implementação de modo consistente.

PESQUISA



A cena da comemoração do Dia do Índio na tela da tevê

Cristina de Jesus Botelho Brandão*

As emissões ao vivo da programação do Dia do Índio (19 de abril), exibidas por telejornais, são celebrações que lembram aos brasileiros a cultura indígena como fragmento de nossa história, de nossa identidade, por



meio de sentidos fortemente presentes no imaginário nacional.

Quando a TV transmite ao vivo a comemoração do Dia do Índio, acabam as fronteiras temporais – o presente e o passado se misturam –, além de criar um efeito de realidade por se reportar diretamente ao acontecimento. A mídia, então, assume o papel de verdadeira guardiã da data e de construtora de uma dada memória da sociedade.

São matérias leves, “matérias de boa tarde”, no sentido de que encerram a edição do telejornal. A princípio, não possuem a pretensão de debater ou aprofundar a questão indígena no País, mas, sim, de celebrar a data,

para que os índios – “os primeiros habitantes de nossa terra” (enunciado recorrente nas aberturas dos noticiários analisados) – não sejam esquecidos.

A regularidade de cenas aponta para a repetição do enunciado do índio autêntico (primitivo) num cenário de festa, isto é, a imagem dominante de índios dançando e cantando com os corpos pintados e enfeitados. Essa representação está ligada ao discurso primitivista, que remete ao passado, à origem da história da humanidade, silenciando o índio contemporâneo. Para o senso comum, um índio de verdade – autêntico – deve viver no mato, usar “cocar” (diadema) e estar com o corpo pintado.

O segmento final dessas matérias tem marca discursiva importante, já que é a última

ideia do diálogo da mídia com o público. Revela-se, então, como a cena emblemática da comemoração do Dia do Índio pela tevê. É uma celebração midiática construída por elementos visuais, angulação da câmera e sonoridade.

O uso predominante do plano médio-conjunto demonstra a intenção de enquadrar, em primei-

ro plano, apenas a ação de comemoração dos índios. O espaço Museu do Índio e sua equipe e o público não merecem destaque na tela. Os elementos de paisagem exibidos não identificam o local do acontecimento. Considerando que as técnicas de manejo da câmera produzem sentidos, esta angulação da câmera, repetida pelos anos, produz uma imagem para simbolizar a comemoração do Dia do Índio, para ficar na memória. Assim, o que é enquadrado é a cena da roda, onde índios cantam e dançam pintados e enfeitados.

As cores em profusão, na tela, possuem uma força comunicativa e um poder de apelo irre-

sistível. O elemento sonoridade realça o caráter da cena como uma celebração da mídia. Depois do encerramento no estúdio pelos apresentadores (âncoras), voltam as imagens – ainda ao vivo do Museu do Índio – de índios dançando e rolam os créditos técnicos ao som da vinheta de fechamento do telejornal, imprimindo, assim, a identidade da emissora na comemoração.

A televisão privilegia imagens que reforçam aspectos primitivos e genéricos dessas sociedades. Tal fato impede que a diversidade cultural dos grupos indígenas brasileiros seja amplamente mostrada. Nas cenas de encerramento descritas, observamos a existência de uma rede de imagens implícitas como a do índio autêntico (primitivo). Estas funcionam como vestígios e pistas, reforçando preconceitos sobre os índios. Pertencem a um imaginário construído pela escola, cinema, literatura, música e história oficial. Remetem a uma memória discursiva construída em tempos passados.

Entretanto, durante os levantamentos realizados para esta pesquisa, uma questão que chamou a atenção relaciona-se às possibilidades de reação que os índios podem manifestar face às atuais condições de produção da mídia. Há situações, nos noticiários analisados, em que as vozes indígenas conquistam posição no jogo de práticas discursivas disputado nas telas da tevê.

A contribuição ao processo de reflexão, realizado pela instituição Museu do Índio, em relação à divulgação da temática indígena e ao espaço dado pela mídia às vozes indígenas é a justificativa desta pesquisa. Para tal, a análise do clipping televisivo – uma atividade do assessor de imprensa – é relevante. Foram analisadas reportagens e programas sobre o assunto referente ao período 1996-2008.

* A autora, jornalista, é Mestre em Memória Social pelo PPGMS/UNIRIO e trabalha na Assessoria de Comunicação Social do Museu do Índio desde 1987. Apresentou a pesquisa “A construção discursiva da comemoração do Dia do Índio no Museu do Índio pela mídia televisiva” na VIII Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM) – Diversidade e Poder na América Latina, em Buenos Aires, em outubro de 2009.

Impresso

Nº Contrato 9912237878 DR/RJ

MUSEU DO ÍNDIO

... CORREIOS ...